



André Guedes é o olhar do espectador no Cumplicidades

Para a sua terceira edição, o Festival Cumplicidades, a decorrer de hoje a 21 de Março, em Lisboa, entregou a programação ao artista plástico André Guedes

Dança Gonçalo Frota

Embora a sua prática artística esteja concentrada sobretudo nas artes visuais, há muito que André Guedes mantém uma relação próxima com a dança. Em 2001, foi a ele que Vera Mantero encomendou a cenografia e o guarda-roupa de *Como Rebolar Alegrememente sobre Um Vazio Interior*, que a coreógrafa criou para o Ballet Gulbenkian. Ao longo dos anos, e depois dessa primeira experiência, foi continuando a trabalhar na qualidade de cenógrafo com Miguel Pereira, Martine Pisani e Miguel Loureiro, mas também como co-autor dos espectáculos *Como Rebolar Alegrememente sobre Um Vazio Exterior* (a partir dos despojos da peça de Vera Mantero) e *Nova, Caledônia*, assinados com Loureiro, e *Aqui Também Acabou*, colaboração com a companhia Cão Solteiro.

Enquanto espectador, André Guedes sempre se foi mantendo próximo da dança. E terá sido por se cruzar com frequência em espectáculos com Francisco Camacho e Sara Machado, da Eira – estrutura responsável pela produção do Festival Cumplicidades –, que estes pensaram em chamar a sua “familiaridade pessoal e profissional” com a dança para a programação da presente edição. Desde a edição zero que o Cumplicidades definiu como uma das características mais marcantes o convite a cada nova edição a diferentes criadores nacionais para assegurarem a programação

portuguesa do festival, enquanto os convites a coreógrafos estrangeiros incidem sobre criadores originários da bacia do Mediterrâneo, tirando partido das pontes que a Eira tem criado e explorado com aquela região, numa lógica de mostrar autores e obras menos habituais nas salas lisboetas.

“A única estranheza que poderia haver [neste convite]”, diz André Guedes ao PÚBLICO, “é ter esta incumbência e não ser um programador.” “Mas acho que também estou aqui porque conceptualmente represento o olhar de um espectador. E, nesse sentido, talvez esta diversidade faça sentido, porque corresponde às diferentes coisas que vou vendo.” A diversidade a que André Guedes se refere fica, desde logo, patente no arranque do Cumplicidades, a decorrer entre hoje e 21 de Março, e que convoca para o primeiro fim-de-semana espectáculos de João Penalva (de hoje a domingo, Appleton), Josefa Pereira (de hoje a domingo, Quadrum), Adriana Grechi (de hoje a domingo, Quadrum), Cana Yücel Pekikten (hoje e amanhã, Teatro Taborda), David Marques (hoje e amanhã, Rua das Gaivotas 6) e Sara Anjo e Teresa Silva (amanhã e domingo, Teatro do Bairro Alto), bem como a primeira leva da secção Uma Tarde no Mundo (protagonizada por Catarina de Oliveira, Gustavo Sumpta e João Sousa Cardoso, ama-

nhã, na Culturgest).

Sobreposição de narrativas

O bloco Uma Tarde no Mundo será aquele que denuncia de uma forma mais clara o *background* de André Guedes. A convite do programador deste ano do Cumplicidades, sete artistas (três amanhã, quatro a 21 de Março, no Museu de Lisboa) apresentar-se-ão em espaços museográficos, numa tentativa de dialogar ou integrar “as narrativas das obras ou das colecções” dessas instituições nas suas *performances*. “Não se trata só de uma relação literal”, avisa, “mas sim da tentativa de experimentar um diálogo e ver o que surge dessa fricção.” Na programação geral, e naquele que é o prato forte do Cumplicidades (com uma especial incidência, definida desde a primeira hora, nos criadores nacionais), André Guedes trabalhou com base numa convocatória realizada no final de 2018 e que convidava à apresentação de propostas que seriam depois seleccionadas. “Essa convocatória”, diz o artista, “serviu-me, a mim que não sou curador nem programador de dança, para fazer uma auscultação daquilo que estava a acontecer.” Em vez de realizar convites directos, André Guedes preferiu programar a partir dessa matéria viva.

Da sua experiência como artista visual, Guedes trouxe para este segmento da programação, parcialmente apontado a novas criações, a regra curatorial de acompanhar, na medida do possível, os processos criativos. “Em artes visuais, um bom curador é aquele que não só convida o artista, mas que também o acompanha no processo e estabelece com ele um diálogo.” Sem certezas que o mesmo não seja habitual nas relações entre coreógrafos e programadores, Gue-



A André Guedes interessa a contaminação entre as artes visuais e a dança, aliás objecto do doutoramento qu

des quis injectar no Cumplicidades esse desejo de proximidade.

Da programação desta edição do Cumplicidades consta também um programa concebido pela Companhia Nacional de Bailado intitulado Dançar em Tempo de Guerra (de 11 a 14 de Março, no Teatro Camões), com coreografias de Martha Graham e Kurt Joos, a que se junta uma exposição encomendada pela CNB a André Guedes no foyer do teatro, em torno destas duas obras e do seu contexto

político, social e cultural. A contaminação entre estes dois domínios, o trânsito entre as artes visuais e a dança, tem sido, na verdade, objecto do doutoramento que o artista vem desenvolvendo na Faculdade de Belas-Artes. Os seus projectos individuais no campo das artes visuais, explica, “incorporam também com frequência a dimensão do texto e de uma *mise en scène*, mesmo que seja aplicada, por vezes, apenas a um objecto”. “E

há pontos de contacto entre o meu trabalho cenográfico e artístico, porque em artes visuais também construo espaços e há um pensamento sobre a permanência e a duração, questões que têm também que ver com o espaço cénico.”

À semelhança daquilo que propõe em Uma Tarde no Mundo, André Guedes reclama como característica da sua obra visual uma “acumulação

Área: 1307cm² / 69%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6765771

Data: 06.03.2020

Titulo: André Guedes é o olhar do espectador no Cumplicidades

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 38;39



e o artista desenvolve na Faculdade de Belas Artes

de extractos narrativos – não necessariamente vindos por inteiro do real ou do documental –, que se vão sobrepondo e cruzando numa lógica que mistura a ficção com a realidade”. E exemplifica com a sua última exposição na Galeria Vera Cortês, em 2019, intitulada *Formas Antigas, Novas Circunstâncias*, em que proporcionava “um encontro casuístico entre dois livros que falam sobre cidades: um deles é um livro italiano sobre a construção da cidade na segunda metade do século XX, em Itália, em contraposição a uma narrativa épica ou mesmo mitológica da cidade de Tróia”.

Tentando não escarrapachar na programação do Cumplicidades os seus valores e as suas crenças pessoais, André Guedes quis privilegiar a pluralidade de propostas e de ideias trazidas pelos 27 espectáculos programados. Ainda assim, admite que “pensar o colectivo”, sob a forma de festival, por exemplo, “hoje serve para pensar o político necessariamente, seja de uma forma mais ou menos explícita”. E uma das maneiras de o fazer é, no âmbito do Cumplicidades, escolher as brasileiras Josefa Pereira e Adriana Grechi, e a turca Sezen Tonguz, todas a residir em Portugal, para a programação nacional, numa recusa de fechar a nacionalidade ao local de nascimento e num reforço da palavra comunidade.



Em artes visuais, um bom curador é aquele que não só convida o artista, mas que também o acompanha no processo e estabelece com ele um diálogo

André Guedes
Artista plástico

Área: 1307cm² / 69%

Tiragem: 72.253

FOTO: 4 Cores

ID: 6765771

Coreografias para a liberdade



Adriana Grechi em *Bananas* e David Marques em *Dança sem Vergonha*

No quarto, no estúdio ou na discoteca, David Marques *Dança sem Vergonha*. Este que é o título do solo que apresenta hoje e amanhã na Rua das Gaivotas 6, no arranque do 3.º Festival Cumplicidades, levanta o véu sobre algo que o coreógrafo e bailarino não quis esquecer: a descoberta recente do quão importantes e fortemente cravados na sua biografia estão os momentos em que dança, livremente e sem vergonha, ao som de canções. Já em *Ressaca*, peça anterior estreada em 2017, David Marques explorava essa vontade de aplicar o modelo do formato de canção à dança. Agora, quis recuperar essa memória de “usar a canção como interrupção do dia-a-dia para fazer algo que sentia como artístico”. E identificou, assim, esses três ambientes que vemos plasmados na sala: o estúdio de dança no instante “em que alguém põe uma música e aquele momento deixa de ser um aquecimento, passa a ser outra coisa qualquer”; o quarto, onde dança imaginando-se no palco, mas com a liberdade de se saber sozinho; ou a discoteca, quando a dança ocupa um lugar social.

À medida que foi reflectindo sobre estas danças que não são preparadas para serem mostradas, David começou a aperceber-se do quanto a sua curiosidade ficava alerta para “os momentos em que surgiam danças que via resvalar para uma dança contemporânea”, não conseguindo fugir à sua formação, “mas que não vinham daí”. Decidiu investigar mais e, por

exemplo, filmar-se durante uma semana em casa, proporcionando situações em que a dança acontecesse. Também essas imagens são postas agora em cena, ao lado de uma cama, dando visibilidade a estas “danças com poucas ou nenhuma testemunhas” e, portanto, “despreocupadas ou livres”. Claro que David Marques sabe-se no paradoxo de estar a tornar espectáculo as tais danças que existiam apenas abrigadas dessa exposição pública. “Na verdade”, confessa ao PÚBLICO, “o sítio onde estou mais à vontade é o palco. É como se o palco fosse o lugar que projecto sempre como de maior conforto.” Daí que o seu grande desafio com *Dança sem Vergonha* seja o de manter essa “tensão activa” (entre a partilha e a intimidade) e de permitir a estas danças sobreviverem à circunstância de estarem a ser vistas por escolha sua.

Também de visibilidade se ocupa *Bananas*, que Adriana Grechi apresenta na Galeria Quadrum, de hoje a domingo. Estreada pelo Núcleo Artérias em 2013, no Brasil, a peça da coreógrafa paulista é mostrada em Lisboa numa altura em que já não consegue ter palco no outro lado do Atlântico. Não só pela nudez parcial das intérpretes, que vestem apenas camadas de *T-shirts*, mas também porque as relações de poder (sobretudo no que diz respeito a um exercício de poder masculino sobre as mulheres) que critica durante o espectáculo partem de uma ideia de

diálogo e de confronto que se tornou impossível. “O grande problema no Brasil actual”, diz a coreógrafa ao PÚBLICO, “são os muros, as bolhas que não conversam, as polarizações. O diálogo começa a ficar pobre, porque só conversamos com os próximos, que já têm reportório parecido ao nosso.” E o trabalho do Núcleo Artérias, que tinha grande circulação na periferia das cidades, onde Grechi acredita que a troca era mais rica, deixou de receber apoio público para disseminação da discussão.

Bananas joga-se sempre numa confrontação entre as três bailarinas (Bruna Spoladore, Lívia Seixas e Nina Giovelli) e o público, numa relação de poder que aqui se inverte, e as intérpretes assumem um lugar de observadoras e de invasoras (com limites) do lugar protegido do espectador. Partindo de uma postura de dominação, de julgamento sobre o corpo do outro e de uma repetição de gestos formatados dentro dessa lógica de poder, Adriana confessa-se assustada com aquilo que, em 2013, lhe parecia um trabalho caricatural e passou a ser o quotidiano brasileiro. O mesmo se passa com as imagens de algumas *T-shirts* que, de início, pareciam muito agressivas às bailarinas e “hoje são normais”. “Como o Presidente [Bolsonaro] autoriza essa violência, essa coisa que estava lá, meio interna, agora está nas ruas”, dizem.

Uma das grandes linhas de *Bananas*, defende Adriana Grechi, é a “per-

Data: 06.03.2020

Titulo: André Guedes é o olhar do espectador no Cumplicidades

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 38;39



formance que acontece nos corpos dos espectadores, nas reacções, nos pequenos gestos”. Porque, a partir do momento em que as bailarinas se assumem observadoras, olham de forma intimidatória e abraçam uma coreografia do poder, a sala transforma-se. As regras confundem-se e é aí, na verdade, que a peça acontece.

Gonçalo Frota

Área: 1307cm² / 69%

Titagem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6765771